



2 de Julho nas Histórias em Quadrinhos: Ensino de História da Independência do Brasil na Bahia Através da Ficção

*2 of July in Comics:
Teaching the History of the Independence of Brazil in Bahia Through Fiction*

*2 de julio en Las Historietas:
Enseñanza de la Historia de la Independencia de Brasil en Bahía a través de la ficción*

Savio Queiroz Lima¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

O artigo aborda as potencialidades das histórias em quadrinhos sobre o 2 de julho para o ensino de História regional. O trabalho faz o mapeamento básico de histórias em quadrinhos que tenham por tema as guerras de independência do Brasil na Bahia. A partir de tais objetos-fontes é possível fazer uma análise prévia de suas estruturas narrativas para produzir com criticidade a sua instrumentalização pedagógica para o ensino de História. Três obras são eleitas para a sua abordagem crítica inicial: Maria Quitéria – A Injustiçada (2012), de Eduardo Kruscewsky e Luís Cleiton Mascarenhas Leite; Dois de Julho – A Bahia na Independência do Brasil (2013), de Maurício Pestana; e 2 de Julho – 190 Anos de Independência do Brasil na Bahia (2013), de Chico Castro Jr. e Gentil. O trato crítico das três narrativas passa pela análise de suas estruturas de objeto-fonte para a historiografia e nas singularidades que compõem seus imaginários e representações a serem instrumentalizados para o fazer pedagógico do ensino-aprendizagem de ensino de História.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Independência do Brasil na Bahia; 2 de julho.

ABSTRACT

The article addresses the potential of comics about the 2nd of July for teaching regional history. The work makes the basic mapping of comics that have as theme the independence wars of Brazil in Bahia. From such source-objects it is possible to make a prior analysis of their narrative structures to critically produce their pedagogical instrumentalization for the teaching of History. Three works are chosen for their initial critical approach: Maria Quitéria – A Injustiçada (2012), by Eduardo Kruscewsky and Luís Cleiton Mascarenhas Leite; Dois de Julho – A Bahia na Independência do Brasil (2013), by Maurício Pestana; and 2 July – 190 Anos de Independência do Brasil na Bahia (2013), by Chico Castro Jr. and Gentle. The critical treatment of the three narratives goes through the analysis of their source-object structures for historiography and the singularities that make up their imaginaries and representations to be instrumentalized for the pedagogical work of teaching and learning of History teaching.

Keywords: Comics; Independence of Brazil in Bahia; July 2nd.

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Grupo de Trabalho de Estudos de Gênero – ANPUH-BA (GT-Gênero-ANPUH-BA). Membro do Laboratório de Estudos sobre a Transmissão e História Textual na Antiguidade e no Medievo (LETHAM). Membro da Red Internacional Multidisciplinar en Estudios de Género (RIMEG). Membro do Grupo de Pesquisa em Mídias, Tecnologias e História (MITECHIS). Membro do GT de História do Crime, da Polícia, das Práticas de Justiça e suas Fontes (ANPUH-RS). Autor do livro Mulher Maravilha para Presidente! – História, Feminismos e Mitologia nas Histórias em Quadrinhos, lançado em 2019. savio_roz@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0003-1167-5639>. Endereço eletrônico: savio_roz@yahoo.com.br.



RESUMEN

El artículo aborda el potencial de las historietas sobre el 2 de julio para la enseñanza de la historia regional. El trabajo hace el mapeo básico de las historietas que tienen como tema las guerras de independencia de Brasil en Bahía. A partir de tales objetos-fuente es posible realizar un análisis previo de sus estructuras narrativas para producir críticamente su instrumentalización pedagógica para la enseñanza de la Historia. Se eligen tres obras por su abordaje crítico inicial: *Maria Quitéria – A Injustiçada* (2012), de Eduardo Kruscewsky y Luís Cleiton Mascarenhas Leite; *Dois de Julho – A Bahia na Independência do Brasil* (2013), de Maurício Pestana; y *2 de julho – 190 Anos da Independência do Brasil na Bahia* (2013), de Chico Castro Jr. y Gentil. El tratamiento crítico de las tres narrativas pasa por el análisis de sus estructuras fuente-objeto para la historiografía y las singularidades que componen sus imaginarios y representaciones a ser instrumentalizados para la labor pedagógica de enseñanza y aprendizaje de la enseñanza de la Historia.

Palabras llave: Historietas; Independencia de Brasil en Bahía; 2 de julio.

Introdução

Há uma reconfortante situação de ensino de História que possa, hoje, se valer de todos os produtos possíveis que narram o passado. A História tem na ficção um dos espaços mais promissores de atuação, muitas vezes sendo a primeira experiência de muitas pessoas com as camadas temporais do passado, registrando na memória experiências fílmicas, deleites literários ou vislumbres em quadrinhos. Volta-se a essa seara quando objetiva saborear a rotina da sala de aula com inovação, com abertura, na pretendida dinamização do processo de ensino e aprendizagem através da instrumentalização da ficção.

A escolha do uso das histórias em quadrinhos para o ensino de História tem muitas razões. Talvez, a mais comumente pensada e repetida seja a de sintonia com seu corpo de estudantes jovem e entusiasmado. Se há sólido no imaginário de que histórias em quadrinhos são feitas para os anseios de crianças e adolescentes, talvez sejam bons substitutos da literatura convencional, vista como formal e enfadonha, a que foram relegadas. O passado parece tão mais sedutor se ele vem nas trilhas saborosas da ficcionalidade, principalmente visual.

O ensino de História vem há tempos valorizando os saberes, conhecimentos e debates regionais, locais, para a fomentação de críticas identitárias construtivas. Em um país continental, buscar raízes mais localizadas aproxima a pessoa estudante de sua realidade não apenas contemporânea, mas passada, para entender os alicerces que diferenciam as experiências sociais regionais no Brasil. Não há uma intenção substitutiva, mas agregadora,

de inserções de estruturas próprias e complexas das vivências passadas formativas das sociedades brasileiras. O processo de independência do Brasil ocorreu de forma diferenciada para as diversas regiões envolvidas, justificando a coerência explícita de se estudar tais diferenciações na formação da unidade nacional e nas identidades plurais regionais.

Por conta da marcação temporal comemorativa, entre os anos de 2022 e 2023, o tema da Independência do Brasil na Bahia volta ao centro de interesse. Com isso, convém a valorização da produção investigativa sobre o processo histórico e toda possibilidade de instrumentalização de passado tão caro nas produções da indústria cultural, em especial, para este recorte, das histórias em quadrinhos sobre o contexto. A intensão explícita deste trato histórico-pedagógico é de inserção do suporte histórias em quadrinhos como mídia auxiliar para o ensino de História regional, eleita aqui a Guerra de Independência na Bahia, que teve em solo baiano o seu fervilhar significativo não apenas pela aguerrida violência e estratégia, mas, também, pelos protagonismos diversificados (GUERRA FILHO, 2022, p. 214).

As histórias em quadrinhos sobre o processo de Independência do Brasil na Bahia são nossos atores, objetos-fontes instrumentalizáveis para o intento de ensino-aprendizagem. Como objetos pertencentes aos seus lugares temporais e sociais, também são compreendidos como fontes históricas de representações e discursos próprios, comungando ou não com os imaginários pretendidos pelas sociedades que os consomem. Herdam os desejos daqueles que se valem de forma identitária das memórias que são invocadas, garantindo a manutenção da projeção festiva comemorativa do passado singular, entre o ontem e o hoje (GUERRA FILHO, 2002, p. 58).

Histórias em quadrinhos são mídias de entretenimento que carregam uma malha de signos e significados nos seus discursos e suas representações. Se fazem uso de um contexto histórico como cenário direto ou indireto, traduzem a comunhão de imaginários sintonizados entre seus produtores, as instituições sociais, políticas ou comerciais que as inserem no cenário público, e seus leitores-consumidores. As três obras aqui selecionadas sobre as personagens e eventos das Guerras de Independência do Brasil na Bahia são parte deste



universo cultural visual e exigem o trato crítico para que possam repousar enquanto instrumento pedagógicos de ensino-aprendizagem de História Regional.

1. A independência do Brasil na Bahia nas Páginas das Histórias em Quadrinhos

Inúmeras convenções históricas brasileiras foram cenário, tema e/ou contexto para narrativas ficcionais. Bastante comuns numa literatura de ficção histórica, desde os velhos folhetins e até mesmo na literatura de cordel, o século XX demonstrou a potencialidade da História ficcionalizada em suportes diversos, como na teledramaturgia, na filmografia e, não menos natural, nas narrativas aventurescas das histórias em quadrinhos. O passado, interessante em diversos motivos, nos chegou por muitas vezes pelos embalos criativos da ficção, o que faz confortavelmente que ela possa nos servir para uma espécie de retorno representativo, mas agora maturado pela produção de conhecimento do tabuleiro da educação formalizada.

As histórias em quadrinhos são uma tipologia de suporte narrativo bastante aceita enquanto instrumento pedagógico. Muitas páginas de artigos foram dedicadas a instrumentalizar tais produtos da indústria cultural de entretenimento ao auxílio didático (LIMA, 2015) nas diversas modalidades de ensino, nas diversas séries e para as diversas disciplinas, especialmente para o campo da História por conta de sua natureza narrativa. Tem-se por imaginação, sugestivo senso comum, de que há um apreço dos jovens por tal suporte por conta de seu consumo e de todo um histórico envolvendo a mídia e seu mercado (LIMA, 2022, p. 341-371).

A memória histórica brasileira encontrou nos quadros sequenciais das histórias em quadrinhos uma morada segura e intencional. Em muitos contextos sociais e políticos, fizeram uso das histórias em quadrinhos para se produzir, de forma bastante conservadora, a transcrição dos eventos históricos significativos para a construção de uma identidade nacional. Por interesse ideológico do Estado ou pelo oportunismo de mercado, a História do Brasil já estava ilustrada em publicações enaltecendo personalidades, como a coleção *Grandes Figuras em Quadrinhos*, publicada pela editora Ebal entre 1957 e 1961, em especiais de convenções, como *A Proclamação da República em Quadrinhos*, em 1971, atualizações

conceituais como *O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel*, pela editora da UESC e a Egba em 1999, e até mesmo mercadológicas modernizações em *História do Brasil em Quadrinhos*, pela Editora Europa em 2008.

Em todos os casos acima, as narrativas históricas são absorvidas para se produzir uma visualidade em sequência que seja sedutora para a juventude e infância. Essas histórias em quadrinhos históricas, não pelo seu valor dentro da especulação da cultura de consumo, mas por conta de sua escolha temática, intentam-se pedagógicas, instrutivas, pretendendo ser consumidas direta ou indiretamente pela malha educacional brasileira, sugerindo que seus produtores, roteiristas e artistas, assumam a experiência professoral através da narrativa textual e ilustrativa da mídia. Não é incomum que tais profissionais das artes, estranhos às atualizações tanto no trato pedagógico quanto no trato historiográfico, produzam narrativas cansativas e desinteressantes, muito pouco similares às ficções bem-sucedidas no mercado editorial de histórias em quadrinhos, também disrítmicas com o uso deleitoso paradidático e sua intenção de tornar a experiência prazerosa.

O recorte investigativo proposto, de histórias em quadrinhos produzidas sobre a independência do Brasil na Bahia nos oferece um interessante conjunto. Tal escolha reduz quantitativamente as fontes a serem abordadas, são muito menos histórias em quadrinhos com o contexto histórico baiano, mas produzem a crítica construtiva e qualitativa ideal para o exercício de uso das histórias em quadrinhos nas aulas de História. Os personagens e os eventos que constituem a memória do 2 de Julho, por características próprias, encontram na ficção o local ideal para a sobrevida, principalmente quando posto em comparações com outros cenários regionais do contexto. Em termos comparativos, a cena sobre do imperador Pedro I às margens do rio Ipiranga retratada no quadro de Pedro Américo é demasiadamente formal e passiva quando confrontada com os desenhos do martírio de Joana Angélica, a audácia de Maria Quitéria em seu retrato, a perspicácia de Maria Felipa na imaginação ousada, o espetaculoso toque do corneteiro Lopes entre o engano e a malícia, e toda a violência e a coragem do cidadão comum diante do raivoso colonizador.

O conjunto de detalhes vem sendo construído e reconstruído pela historiografia baiana sobre o conflito e suas memórias ficcionalizadas. Quer seja pela atualização do Estado da Arte

do tema, as somatórias possíveis pelas abordagens documentais ou mesmo pelas amplitudes que teorias e metodologias contemporâneas, as representações da guerra e de seus personagens nos produtos de entretenimento da indústria cultural ofertam um campo de estudos do uso das histórias em quadrinhos enquanto fonte histórica (LIMA, 2014) e, também, suas possibilidades instrumentais para o enriquecimento do tema no ensino de História. Para isso, três histórias em quadrinhos nos servirão de recurso didático, tratadas previamente para definir os parâmetros de tal aplicabilidade, para o seu melhor aproveitamento.

O uso de histórias em quadrinhos para o ensino de História precisa levar alguns pontos em consideração. Primeiro, é preciso o domínio de toda a estrutura da obra, saber sobre os autores e as condições sociais e políticas que permitiram ou incentivaram a produção da peça escolhida e as dificuldades ou facilidades para sua feitura. Importante, também, conferir se a linguagem auxilia ou prejudica o entendimento a depender da faixa etária da turma eleita para o exercício de leitura. Vale atentar para questões que sintonizam com os dados históricos a serem trabalhados, e as que foram inseridas por liberdade criativa do ficcionalista que roteiriza e/ou desenha as cenas. É fundamental não atuar com inocência diante do objeto-fonte, entender sua potencialidade sem com isso entregar-se a uma confiança cega (LIMA, 2014).



Imagem 1: Capas das três histórias em quadrinhos escolhidas para a análise

Há uma historicidade própria das representações do da Guerra de Independência travada em solo baiano nas três histórias em quadrinhos aqui selecionadas. Elas fazem parte do processo construtivo de materialidade da memória regional, atribuindo-lhe um valor através da apreciação pública, como vem ocorrendo desde o primeiro desfile de 2 de julho e sua malha complexa e rica em signos, símbolos e discursos. Vemos entre 2012 e 2013 a disputa de memória sobre a independência do Brasil, por conta das comemorações dos 190 anos transcorridos entre a postura do imperador Pedro I e o desfecho da guerra na Bahia. Para celebrar os 200 anos, vemos a retomada do debate. Existem, as três obras, na transitoriedade das ritualizações pedagógicas (BITTENCOURT, 2021, p. 86) conservadoras e progressistas, por se fazerem representações e discursos contra hegemônicos. Herdam, em suas narrativas, não apenas os traços da memória em disputa, mas, também, da inventividade criativa dos outros suportes ficcionais, como a Literatura.

A primeira história em quadrinhos sobre a Guerra da Bahia faz a escolha da biografia representativa de Maria Quitéria. Como parte desse imaginário heroico singular de uma mulher soldado, Eduardo Kruscewsky, escritor e poeta de Feira de Santana, escreveu o conto biográfico em 2008 que foi utilizado como base para a narrativa em quadrinhos chamada *Maria Quitéria – A Injustiçada*, publicada em 2012. A mescla de narrativa historiográfica e narrativa criativa ficcional, aqui evidente e latente, exigem uma maior atenção e sensibilidade da pessoa professora que faça a opção de uso da história em quadrinhos em questão para o debate sobre a vida de Maria Quitéria e sua participação na guerra. Interessante para as séries iniciais por conta de sua linguagem visual mais leve e seu texto pouco elaborado.

Façamos a leitura da revista *Maria Quitéria – A Injustiçada* para elaborar uma abordagem eficiente. A história em quadrinhos está digitalizada e faz parte do acervo da Biblioteca Virtual Consuelo Pondé², em dois arquivos que trazem, respectivamente, a capa da obra e seu conteúdo, totalizando 90 páginas. Apesar da fluidez característica da leitura de uma história em quadrinhos, a quantidade de páginas pode assustar um alunado pouco familiarizado, havendo necessidade de recortes. O roteiro de Kruscewsky imagina o passado

² Através do link: <http://200.187.16.144:8080/jspui/handle/bv2julho/728>.

mais longínquo, na zona rural da vila de Cachoeira³, passando pela sequência de eventualidades que marcaram a personagem histórica, como o jogo de engodo de gênero e as comprovações de competências militares⁴, e o retorno à normalidade⁵. Negando-se “conto de fadas ou da carochinha”⁶, o trabalho se vende como reflexo da realidade histórica, mas é preciso o cruzamento do objeto-fonte histórias em quadrinhos com uma bibliografia básica sobre Maria Quitéria (GOMES, 2019), oportunizando, inclusive o debate sobre as gramáticas de gênero dentro do escopo crítico da História (SCOTT, 1995, p. 72).



Imagem2: Página de destaque da figura de Maria Quitéria. É possível observar as escolhas estéticas e narrativas do estilo japonês e da prosa mais objetiva

Seu uso para séries iniciais do Ensino Fundamental diz respeito tanto à cultura visual apelativa quando à proposta narrativa. A narração da História de vida, de uma biografia resumida e florida de sensações, permite que a memória histórica seja abordada pela vivência e experiência ali representada. A arte de Luís Cleiton Mascarenhas Leite adequa o

³ Que está praticamente ocupando um terço do total de páginas, encerrando na página 29.

⁴ Entre as páginas 30 e 80.

⁵ Casamento, nascimento da filha e disputa por herança que ocupam as páginas seguintes da história em quadrinhos.

⁶ Página de número 1 de *Maria Quitéria – A Injustiçada*.

amadorismo com o mérito narrativo visual mais objetivo, enamorando uma tendência estética de quadrinhos japoneses comerciais com certa autoria. E o texto descritivo e informativo de Kruscewsky assegura seu uso rápido e básico, circundando o letramento e o interesse narrativo para um público infantil e infanto-juvenil bastante específico. Kruscewsky conseguiu o apoio da Academia Feirense de Letras – da qual era presidente – para a produção e impressão da obra.

Por ordem cronológica, o ano de 2013 é o lugar temporal comemorativo dos 190 anos do fim da Guerra da Bahia, justificando a presença de duas histórias em quadrinhos no rol das publicações daquele ano. A primeira delas está vinculada à Fundação Pedro Calmon, com apoio do Governo do Estado da Bahia, chamada *Dois de Julho – A Bahia na Independência do Brasil*, feita pelo quadrinhista paulista Maurício Pestana. A outra narrativa em quadrinhos, também publicada em 2013, foi proposta de outra instituição, a Fundação Gregório de Mattos, da Prefeitura Municipal de Salvador, junto com o Jornal A Tarde, tradicional periódico baiano. Com o título de *2 de Julho – 190 Anos de Independência do Brasil na Bahia*, traz o roteiro do jornalista Chico Castro Jr. com a arte de Gentil. Por conta das próprias propostas tratadas com mais rigor, as duas histórias em quadrinhos optaram por pesquisas mais elaboradas e discursos e artes direcionados para um público leitor mais maduro. Ambas as histórias em quadrinhos também fazem parte do acervo online da Biblioteca Virtual Consuelo Pondé⁷, permitindo, também, seu acesso sem a necessidade de coleta, manuseio e consumo do material físico, uma das grandes dificuldades na eleição de histórias em quadrinhos como recurso do ensino de História.

A obra *Dois de Julho – A Bahia na Independência do Brasil*, aborda o tema através dos discursos de diversidade racial e participação popular. Sua pretensão pedagógica já aparece no texto introdutório da então Diretora da Fundação Pedro Calmon, Fátima Fróes, que diz tratar-se de “aprimorar o conhecimento, enriquecendo o saber sobre os fatos que levaram à consolidação da Independência Brasileira em terras baianas”⁸. A história em quadrinhos ainda sustenta seu contexto em claro e objetivo texto presente na sua página 4,

⁷ A revista *2 de Julho: 190 anos de Independência do Brasil na Bahia* pode ser baixada completamente em: <http://200.187.16.144:8080/jspui/handle/bv2julho/827>; e a revista *Dois de Julho: a Bahia na independência do Brasil* é acessível em: <http://hdl.handle.net/bv2julho/854>.

⁸ Página 4 da revista-cartilha *Dois de Julho – A Bahia na Independência do Brasil*.

produzido pelo historiador Ubiratan Castro de Araújo, outrora Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon, entre 2007 e 2012. As páginas 6, 10, 11, 17 e 27 trazem imagens e textos que defendem a ideia de brasilidade sustentada na comunhão das três raças, e que na narrativa de Pestana é enaltecida como fundamental para a diferenciação do evento. Contada de uma criança para outra, a trama faz uso de datas, nomes e eventos para constituir sua narrativa.

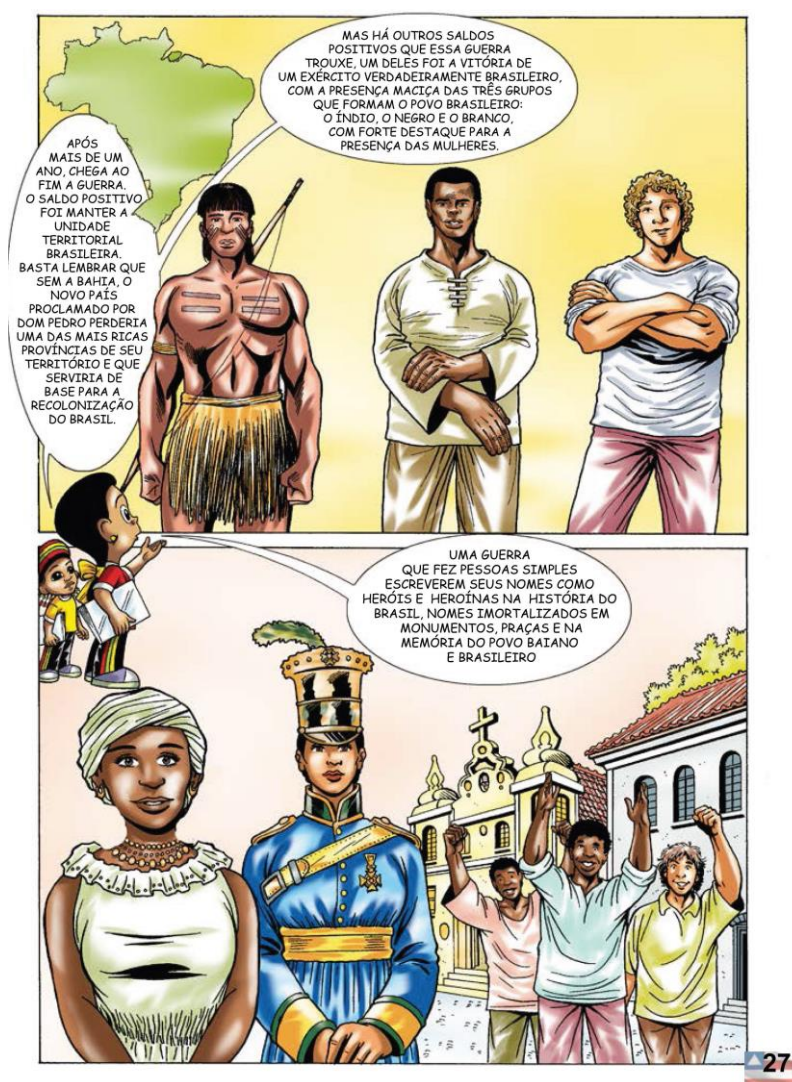


Imagem 3: A harmonia social e racial tratada na página descreve as intenções discursivas da publicação, os pontos eleitos como mais significativos

Na leitura de *2 de Julho – 190 Anos de Independência do Brasil na Bahia*, é possível perceber o tratamento mais rigoroso com a pesquisa histórica. Há uma proximidade gráfica

com o tipo mais maduro de narrativa, bastante presente no mercado de histórias em quadrinhos que tem por público-alvo uma faixa etária mais abrangente, com jovens e jovens adultos como centro dela. A estética e o roteiro se afastam de certo imaginário infantilizado sobre as potencialidades das histórias em quadrinhos limitarem-se ao baixo letramento, optando por um amadurecimento narrativo, no roteiro escrito e na arte aquarelada, utilíssimo para o trato instrumental pedagógico eficiente, em pouco menos de 40 páginas. A assessoria histórica de um profissional, o historiador Pablo Iglésias, sustentou a qualidade do projeto em comparação aos anteriores, além do fato da escolha narrativa de Chico Castro Jr, de discurso de romance epistolar, mais confortável de ler, condizente com a arte realística e cinematográfica de Gentil.

É evidente a qualidade técnica e artística, no que diz respeito a visualidade e pesquisa, da obra em questão, em comparação às anteriores. O formato narrativo consegue fazer uso de nomes e de datas de forma mais suave, mais orgânica, e que auxilia seu uso didático sem perder seu sabor de entretenimento. Apesar de explorar a diversidade tipológica dos envolvidos, os personagens de mais destaque, não o faz de forma romântica, permitindo à pessoa professora desenvolver debates dos recortes temáticos e conceituais sem demasiadas interferências dos humores da ficção. A guerra é apresentada em seus eventos, seus atores e nas políticas que lhes alicerçam, ressignificando a torpeza em heroísmo (AZÉMA, 2003, p. 404). A conexão que a ficção faz com seu presente é sintomática, demonstrando que a memória tratada pela manobra historiográfica responde às inquietações contemporâneas. Deste modo, a narrativa de *2 de Julho – 190 Anos de Independência do Brasil na Bahia* tem vigor para ser ponto de debate para as séries mais avançadas.

O lugar temporal da história em quadrinhos existe em duas pertinentes camadas na questão do tempo. Vemos que as obras selecionadas reproduzem narrativas sobre o evento social, militar e político da primeira metade do século XIX, mas o fazem com diferenças que traduzem questões pertinentes às suas pretensões artísticas e comerciais. Vontade pessoal e valorização regional fazem de *Maria Quitéria – A Injustiçada* a intenção de modernização da memória histórica para o apreço do público infantil, por isso sua linguagem visual não apenas de história em quadrinhos, mas da estética “mangá”, tão ou mais apreciada no mercado

nacional nas últimas décadas. Não muito distante temporalmente, temos o lugar de *Dois de Julho – A Bahia na Independência do Brasil*, uma encomenda de empresa profissional, a Pestana – Arte & Publicações, para suprir uma demanda educativa e cultural em data comemorativa, cumprindo um padrão de cultura visual mediano na representação quadrinhesca no Brasil. No mesmo ano, temos *2 de Julho – 190 Anos de Independência do Brasil na Bahia* inovando nas escolhas técnicas e narrativas, optando por qualificação de seus envolvidos na construção tanto de sua narrativa textual-gramatical quanto no letramento visual-artístico.



Imagem 4: Maria Felipa e as batalhas na região da Ilha de Itaparica, com o texto simulando uma carta e a imagem mais realista

As obras escolhidas, obviamente, não carregam em si as pretensões de ensino que as escolhas de seus usos pedagógicos possam exigir. Logo, é crucial o apoio bibliográfico de uma historiografia básica para dialogar com as representações ficcionais das histórias em

quadrinhos, assegurando uma explanação de conhecimento histórico e não apenas sua apropriação artística. Ainda é eficaz o trato narrativo historiográfico do historiador Luís Henrique Dias TAVARES (2001) sobre o evento, como capítulo do livro *História da Bahia*, trazendo de forma cronológica os acontecimentos mais significativos para essa memória célebre, e seu trabalho *A Independência do Brasil na Bahia* (2005), enriquecendo, para o Estado da Arte, com *O Jogo Duro do Dois de Julho*, de João José REIS (1989), o livro *A Guerra da Bahia* de Ubiratan Castro de ARAÚJO (2001), o trabalho de Wlamyra ALBUQUERQUE (1999) sobre as festas, chamado *A Algazarra nas Ruas*, entre outros. Obviamente, temos uma malha bastante generosa, e recente, de escritos sobre o período e o recorte convencional, mas que podem habitar as escolhas das pessoas professoras que se valham da empreitada.

Conclusões

O processo de independência, que ocorreu na Bahia com suas batalhas descritas pelo viés épico, narradas pelo pitoresco, tem uma verve aventuresca. Isso lhe fortalece o uso das ficções como instrumentos saborosos de inserção dos múltiplos debates ancorados nas narrativas das histórias em quadrinhos. Toda dramaticidade, as diversidades de gênero, raça, classe, dentre outros marcadores, fazem da Guerra de Independência do Brasil na Bahia uma realidade absorvível pela imaginação.

As histórias em quadrinhos no Brasil se valem das memórias do passado adequadas às expectativas de consumo e apreço do presente. Fazem parte do processo de rememoração para a construção de uma identidade brasileira sempre em atualização para o presente, por isso, foram úteis enquanto instrumentos narrativos dirigidos para crianças, adolescentes e jovens. Ainda que não se limitem a esses públicos em formação, as ficções nas histórias em quadrinhos exercem, por dinamismo, forte apelo com tal público existente no contexto escolar, justificando o interesse de pessoas professoras nas possibilidades de diálogos. A primeira metade do século XIX tem sua condição de disputa de memória ainda vívida para os debates públicos e escolares contemporâneos.



As histórias em quadrinhos aqui eleitas, assumidas recortes temático e narrativo, seduzem os envolvidos no ensino-aprendizagem enquanto recursos didáticos possíveis. Entretanto, como vimos, inúmeras questões sensíveis precisam ser levadas em considerações quando forem utilizar tais narrativas ficcionais, para se obter com mais êxito a sua potência narrativa sobre o passado regional e identitário. Essas histórias em quadrinhos precisam ser lidas pelo olhar crítico entrecruzado com outras fontes narrativas, de preferência de natureza historiográfica, para promoverem o debate rico sobre todo e qualquer tema levantado e posto à mesa. Para serem bons instrumentos, é fundamental a sua dissecação enquanto objeto-fonte de representação do passado.

Além disso, fica evidente como a sintonia do projeto com as tramas investigativas historiográficas produzem narrativas coesas e úteis para o processo de ensino-aprendizado. A participação de uma assessoria histórica nas etapas de construção de histórias em quadrinhos de ficção histórica evidencia sua competência narrativa de uso para o ensino de História. O que não quer dizer, convém pontuar, que haja uma disputa entre a assertividade histórica e a inventividade criativa, pois a leitura crítica desconstrutiva de narrativas ficcionais diversas permite a produção de argumentações ricas em produção de conhecimento. O valor aqui atribuído de reconhecimento das robustezas representativas do passado em produções de entretenimento com colaborações de pessoas historiadoras está na eficiência instrumental posterior para o contexto de ensino-aprendizado.

Há subjetividades no processo de construção de um exercício pedagógico que escapam a uma análise organizadamente segura de mapeamento. São questões introdutórias que são ofertadas nas seleções das histórias em quadrinhos sobre o 2 de julho e suas memórias que não suprem todas as questões significativas em seu uso instrumental para o ensino de História. A isso convém a experimentação, aqui sugerida, de utilizações das histórias em quadrinhos às realidades etárias devidamente cruzadas com a bibliografia historiográfica básica sobre as memórias do 2 de julho.



Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra. **Algazarra nas Ruas: Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)**. Editora da Unicamp, Campinas, 1999.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. **A Guerra da Bahia**. CEAO-UFBA, Salvador, 2001.

AZÉMA, Jean-Pierre. A Guerra. In: REMOND, René (org). **Por uma História Política**. 2ª edição. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2003.

BITTENCOURT, Circe. As “Tradições Nacionais” e o Ritual das Festas Cívicas. In: PINSKY, Jaime (org). **O Ensino de História e a Criação do Fato**. Editora Contexto, São Paulo, 2021.

CASTRO JR.; GENTIL. **2 de Julho – 190 Anos da Independência do Brasil na Bahia (História em Quadrinhos)**. Fundação Gregório de Matos, Jornal A Tarde, Salvador, 2013.

GOMES, Nathan. A la Guerra Americanas: Questões de Gênero e Etnicidade nos Retratos de Maria Quitéria de Jesus. In: **RITA - Revue Interdisciplinaire de Travaux sur les Amériques**, n. 12, 2019a. Disponível em: <http://www.revue-rita.com/notes-de-recherche-12/a-la-guerra-americanas-questoes-de-genero-e-etnicidade-nos-retratos-de-maria-quiteria-de-jesus-nathan-gomes.html>.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. Dois de Julho: Festas de Caboclo e Cabocla e a Guerra de Independência na Bahia. In: **Em Tempos de Histórias – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UNB**. Número 40, Brasília, jan/jun 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/43986>.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. O povo, a guerra, a liberdade: um programa político popular durante a guerra de Independência da Bahia (1822-1823). In: **Clio Revista de Pesquisa Histórica**. UFPE, volume 20, número 1, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24875>.

KRUSCHEWSKY, Eduardo; LEITE, Luiz Cleiton Mascarenhas. **Maria Quitéria – A Injustiçada** (História em Quadrinhos - Mangá). Academia Feirense de Letras, Feira de Santana, 2012.

LIMA, Sávio Queiroz. A Abordagem Epistemológica das Histórias em Quadrinhos Enquanto Objeto-Fonte. In: **Anais Congresso Internacional da Faculdade EST**, volume 2, pp. 1814-1828, 2014. Acessado em 26 de janeiro de 2023. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/328/314>.

LIMA, Savio Queiroz. Histórias em Quadrinhos e Juventude. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História dos Jovens no Brasil**. Editora Unesp, São Paulo, 2022.

LIMA, Savio Queiroz. Pesquisando História nos Quadrinhos: A Pesquisa de Quadrinhos na História e de História nos Quadrinhos. In: REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Marcio dos Santos (orgs). **Arte Sequencial em Perspectiva Multidisciplinar – Ensaios Acadêmicos**, volume 1, ASPAS, Leopoldina, 2015. Acessado em 26 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/12142177/Arte_sequencial_em_perspectiva_multidisciplinar.



PESTANA, Maurício. **Dois de Julho – A Bahia na Independência do Brasil** (História em Quadrinhos). Fundação Pedro Calmon, Pestana Arte & Publicações, São Paulo, 2013.

REIS, João José. O Jogo Duro do Dois de Julho: O “Partido Negro” na Independência da Bahia. *In*: REIS, João J. Reis; SILVA, Eduardo (org.). **Negociação e Conflito: A Resistência Negra no Brasil Escravista**. São Paulo, Companhia das Letras, p. 79-98, 1989.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. Tradução: Guacira Lopes Louro. *In*: **Educação & Realidade**, volume 20, número 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995. Acessado em 26 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/71721/40667/297572>.

TAVARES, Henrique Dias. **A Independência do Brasil na Bahia**. EDUFBA, Salvador, 2005.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 10ª Edição. Edufba, Unesp, São Paulo, 2001.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 06 de junho de 2023.

Artigo aprovado para publicação em: 04 de agosto de 2023.